

Não fira a Rocha duas vezes. Fale à rocha!

Raimundo Barreto
Garanhuns, PE, abril (Páscoa) de 2025

Existe um princípio de interpretação das Escrituras que é muito revelador e que precisamos compreender. Sempre há um **paralelo entre o começo e o fim**: o começo é semelhante ao que vai acontecer no fim; quer dizer, **os fatos registrados no início da Bíblia possuem um paralelo com os fatos profetizados no final da Bíblia**. Vemos este princípio ensinado por Salomão, pela Sabedoria que Deus lhe agraciou e pela inspiração do Espírito Santo, em **Eclesiastes 1:9, 10**:

"O que foi é o que há de ser; e o que se fez, isso se tornará a fazer; nada há, pois, novo debaixo do sol. Há alguma coisa de que se possa dizer: Vê, isto é novo? Não! Já foi nos séculos que foram antes de nós".

Identificamos o paralelo que há entre o começo e o fim comparando os textos de Gênesis com o de Apocalipse. Pode-se notar que os **primeiros capítulos de Gênesis** narram a criação dos céus, da terra e do Éden com a árvore da vida no meio do jardim e, paralelamente, nos **capítulos 21 e 22 de Apocalipse** temos a visão do novo céu e da nova terra, e a nova Jerusalém que *"no meio da sua praça, de uma e outra margem do rio, está a árvore da vida, que produz doze frutos, dando o seu fruto de mês a mês, e as folhas da árvore são para a cura dos povos. Nunca mais haverá qualquer maldição..."* (**Apocalipse 22:2, 3a**).

Então, ao estudar as Escrituras também não entenda os personagens e fatos apenas como algo histórico que aconteceu no passado. Não! Há um ensinamento mais profundo por traz da história. O motivo para o qual o Espírito Santo inspirou os fatos do passado é também para que sejam **"TIPOS"**, ou exemplo para nós. No grego temos a palavra **tupos** (**tunoç** - G5179 na Concordância de Strong). A palavra **tupos** é empregada por Paulo na passagem de **1 Coríntios 10:6, 11, 12a**, que diz: *"Com esta lição somos advertidos de que não devemos desejar coisas más, como eles fizeram... Todas essas coisas sucederam a eles, como exemplos, como lições objetivas para nós, a fim de advertir-nos contra a prática das mesmas coisas; foram escritas para que pudéssemos ler a respeito delas e delas aprender nestes últimos dias enquanto o mundo se aproxima do fim. Portanto, tenham cuidado"* (versão NBV). A palavra grega **tupos** significa: exemplo, modelo, lição, tipo (**tipologia bíblica**), prefiguração, padrões, uma pessoa ou coisa que prefigura algo (veja **Atos 7:44** e **Romanos 5:14**).

As Tipologias Bíblicas

As **tipologias bíblicas** são um método de interpretação que identifica padrões, símbolos ou eventos no Antigo Testamento que prefiguram ou apontam para realidades

maiores cumpridas no Novo Testamento, especialmente em Jesus Cristo. Esse conceito é baseado na ideia de que Deus, como Autor da história, inseriu intencionalmente essas “prefigurações” ou “tipos” nas Escrituras para revelar Seu plano redentor de forma progressiva. Um “**tipo**”, em outras palavras, é uma pessoa, evento, objeto ou instituição (como o sacerdócio levítico) do Antigo Testamento que serve como uma **sombra** ou **antecipação** de algo mais pleno no Novo Testamento, chamado de “**antítipo**”.

Exemplos de Tipologias Bíblicas:

1. **O Cordeiro Pascal (Êxodo 12) e Jesus Cristo** - No Antigo Testamento, o cordeiro sacrificado na Páscoa livrava os israelitas da morte durante as profecias no Egito. No Novo Testamento, Jesus é descrito como o “Cordeiro de Deus” (**João 1:29**) que tira o pecado do mundo, cumprindo e ampliando o significado do cordeiro pascal ao oferecer salvação eterna.
2. **O Maná (Êxodo 16) e o Pão da Vida** - O maná foi o alimento dado por Deus ao povo de Israel no deserto. Jesus se apresenta como o “Pão da Vida” (**João 6:35**), um sustento espiritual eterno que supera o maná temporário.
3. **Jonas e a Ressurreição (Jonas 1-2 e Mateus 12:40)** - Jonas passou três dias no ventre do grande peixe antes de ser libertado, prefigurando os três dias de Jesus no túmulo antes da ressurreição.
4. **O Tabernáculo/Templo e a Presença de Deus** - O Tabernáculo (e mais tarde o Templo) era o lugar onde Deus habitava entre os israelitas. No Novo Testamento, Jesus é apresentado como o “*Verbo que se fez carne e habitou entre nós*” (**João 1:14**), sendo Ele mesmo a presença divina encarnada.

Assim sendo, ao ler as Escrituras devemos identificar os tipos ou padrões e aplicar os mesmos princípios às nossas vidas hoje, obtendo os mesmos resultados que os patriarcas, Elias, os reis, Davi, Ester e outros filhos de Deus. E contamos com o Espírito Santo para nos conduzir a todas as verdades sendo aplicadas e apropriadas por nós. Glórias a Deus!

Voltando ao texto de **1 Coríntios 10:6, 11, 12a**, observamos que Paulo deixou registrado um princípio importante. O contexto se refere ao que aconteceu com o povo de Israel no deserto. Os fatos e acontecimentos foram registrados como “*exemplo*”, ou tipologias para nós. Por exemplo: A serpente de bronze, levantada por Moisés no deserto (**Números 21:4-9**) para curar os israelitas mordidos por serpentes venenosas, é uma tipologia de Jesus Cristo, como Ele mesmo indica em **João 3:14, 15**. Assim como a serpente foi erguida sobre uma haste para que os aflitos olhassem e fossem fisicamente salvos por um ato de fé, Jesus foi “levantado” na cruz para que todos que focalizassem sua fé Nele sejam salvos do pecado, da morte e de enfermidades, cumprindo de forma mais plena e eterna o que o evento do Antigo Testamento prefigurou: um salvador elevado por Deus como instrumento de redenção.

Então, precisamos ler os fatos ocorridos com Israel no deserto e buscar a revelação dada pelo Espírito Santo através das tipologias utilizadas, entendendo o que o Espírito quer trazer para nós hoje.

Exemplos para nossos dias

Agora, note a expressão utilizada por Paulo em **1 Coríntios 10:11b**: “...**de nós outros sobre quem os fins dos séculos têm chegado**”. Se fizermos um paralelo entre os

acontecimentos ocorridos com o povo de Israel nos últimos anos de peregrinação no deserto, antes de entrarem na Terra Prometida, com os nossos dias (dias da Parusia e do Reino de Deus), creio, aprenderemos verdades e lições preciosas para nós, hoje, *“sobre quem os fins dos séculos têm chegado”*.

Façamos um exercício de gradualismo, guiado pelo Espírito Santo, e voltemos ao **40º ano¹ após a saída do povo do Egito** e vejamos o que aconteceu. Algo de muito importante aconteceu como exemplo figurativo, ou tipológico, que podemos aprender como exemplo para nós.

Tipologias de Números 16 a 20

Em **Números 20** é registrado um incidente importantíssimo que ocorreu com Moisés no 40º ano da saída do povo do Egito. Moisés ainda liderava o povo na peregrinação pelo deserto e está às portas da terra de Canaã, a Terra Prometida. Uma nova geração, que nascera no deserto, estava prestes a entrar na Terra. Porém, no início do quadragésimo ano aconteceu um incidente trágico. Vamos lembrar?...

Antes, porém, vamos analisar o contexto para extrairmos o entendimento exato dos fatos ocorridos em Números 20.

Números 17 registra a história do “bordão de Arão que floresceu”. O **bordão (vara ou cajado)** de Arão que floresceu (leia **Números 17:1-11**) representa a confirmação da escolha divina e a autoridade estabelecida por Deus para o **SACERDÓCIO DE ARÃO** e a tribo de Levi, em resposta às rebeliões dos israelitas que questionavam a liderança de Moisés e Arão. Após a revolta liderada por Coré, Datã, Abirão e Om, com os 250 príncipes da congregação (**Números 16**), Deus instruiu que cada líder tribal depositasse um bordão no Tabernáculo, e o bordão de Arão, milagrosamente, floresceu, brotou e deu **amêndoas**, confirmando sua eleição sobrenatural como sumo sacerdote. Na tipologia cristã, esse evento prefigura Cristo como o Sumo Sacerdote eterno (**Hebreus 5:4-6**), cuja autoridade e poder de dar vida (simbolizados pelo florescimento) são divinamente confirmados, superando o sacerdócio levítico com uma Nova Aliança que possibilita vida espiritual à humanidade.

Ali, então, o Senhor estabeleceu Arão e os seus filhos como sacerdotes para fazerem sacrifícios pelos pecados de Israel com o seguinte propósito: *“Vós, pois, fareis o serviço do santuário e o do altar, **para que não haja outra vez IRA contra os filhos de Israel**”* (**Números 18:5**). Note que a intensão de Deus foi prover um meio de expiação para os pecados de Israel e, assim, **proteger o povo da Sua ira justa e santa**.

Assim sendo, os sacrifícios realizados por Arão e seus filhos eram um ato de misericórdia e graça do Senhor, permitindo que a culpa do pecado fosse coberta e a relação

¹ O incidente de Moisés ferindo a rocha em Meribá, descrito nos Números 20:1-13, ocorreu no **40º ano após a saída do Egito**. Isso pode ser inferido a partir do contexto do livro de Números e de outras passagens relacionadas. Números 20:1 menciona que os israelitas estavam em Cades, no deserto de Zim, no “primeiro mês”, e a morte de Miriã, irmã de Moisés, é registrada ali, seguida pela morte de Arão no mesmo capítulo (Números 20:22-29). Números 33:38 confirmam que Arão morreu no 40º ano após o êxodo, no quinto mês. Como o incidente da rocha em Meribá precedeu imediatamente a morte de Arão no texto, ele ocorreu no início desse mesmo ano, provavelmente no primeiro mês do 40º ano.

entre Deus e Seu povo fosse preservada. E, o **bordão de Arão que floresceu** foi colocado na tenda do Tabernáculo, perante o Senhor, “*para que **se guarde por SINAL** para filhos rebeldes; assim farás acabar as suas murmurações contra mim, para que não morram*” (**Números 17:10**). Esse sacerdócio funcionava como um **canal de intercessão, misericórdia e graça**, pois, por meio dos rituais e ofertas, a ira de Deus era apaziguada e o povo recebia perdão em vez de juízo.

Na tipologia cristã, isso aponta para Jesus Cristo, o Sumo Sacerdote **definitivo** (**Hebreus 4:14-16**), cujo sacrifício único e perfeito na cruz cumpre plenamente esse propósito: Ele não apenas cobre o pecado temporariamente, como os sacrifícios levíticos, mas o remove completamente, oferecendo graça e misericórdia eternas e reconciliando a humanidade com Deus, para que a ira divina não mais recaia sobre aqueles que estão em Cristo. Assim, o sacerdócio de Arão é um “tipo” da obra redentora de Cristo, que transforma a ira justa de Deus contra o pecado em paz por meio de um sacrifício.

Guarde isso em sua mente: a bordão de Arão que floresceu é um tipo, ou figura, do sacerdócio de intercessão, misericórdia e graça que aplaca a ira do Senhor contra o pecado do Seu povo e que prefigura o Sacerdócio de Jesus Cristo.

Já o **capítulo 19 de Números** descreve a prescrição divina a Arão e Moisés sobre a lei da “**água da purificação**”, feito com as cinzas de uma **novilha vermelha** sem defeito, queimada fora do acampamento, para purificar aqueles que se tornaram cerimonialmente impuros por tocar em um cadáver (**Números 19:9-13, 18, 19**). Esse rito era essencial porque o contato com um morto (ou a morte) simbolizava a contaminação pelo pecado e pela mortalidade, afastando a pessoa da presença de Deus no santuário; as cinzas, misturadas com água, eram aspergidas sobre o impuro para purifica-lo e restaurá-lo à comunhão com a comunidade e com Deus, evitando que fosse “cortado” do povo (**v. 13**).

Na tipologia do Novo Testamento, esse ritual prefigura a obra purificadora de Jesus Cristo. A novilha vermelha imolada fora do acampamento aponta para Jesus, sacrificado fora da cidade de Jerusalém (**Hebreus 13:11, 12**), cujo sangue não apenas cobre, mas completamente purifica o pecado que é a raiz da morte espiritual (**Hebreus 9:13, 14**).

A “água viva” do ritual ecoa a purificação pelo Espírito Santo usando a Palavra (**João 7:38, 39, Efésios 5:26**), enquanto as cinzas simbolizam o sacrifício consumado de Cristo, que, uma vez oferecido, **tem efeito eterno**. Assim, a lei da purificação em Números 19 tipifica a graça redentora de Jesus Cristo, que remove a impureza do pecado e da morte, reconciliando os crentes com Deus de forma **definitiva**, superando o caráter **temporário** do antigo ritual.

O rito da “água viva” (ou “água corrente”, conforme mencionado em **Números 19:17**, associado às cinzas da novilha vermelha) tem uma conexão profunda com a nossa natureza carnal e o pecado, pois reflete tanto a realidade da contaminação espiritual quanto a necessidade de purificação divina. Na Lei mosaica, tocar em um cadáver tornava alguém impuro porque a morte é o resultado último do pecado (**Romanos 6:23**), e nossa natureza

carnal e adâmica - marcada pela inclinação ao pecado desde a queda - nos torna suscetíveis ao pecado e impureza. Quando pecamos, essa natureza se manifesta, afetando nossa consciência da paz com o Pai, assim como o israelense impuro foi excluído da comunidade e do santuário. O uso da água viva no rito tipifica a intervenção divina que vai além da mera purificação externa: ela prefigura a ação do Espírito Santo (**João 7:38, 39**), que, como "água viva", renova e limpa internamente o crente do pecado (**Tito 3:5-7**).

Na tipologia do Novo Testamento, isso aponta para Jesus Cristo, cujo sacrifício (as "cinzas" do Cordeiro) e o dom do Espírito purificam nossa natureza carnal, não apenas cobrindo o pecado, mas transformando-nos para que possamos viver em santidade e comunhão com o Pai, superando a morte espiritual que o pecado traz. Assim, o rito sublinha a insuficiência da carne para se purificar sozinho e a necessidade da graça e proteção divina para nos restaurar quando pecamos.

Nossa firme confissão de fé

Por isso devemos glorificar a Deus por Sua misericórdia e graça que, mesmo que venhamos, consciente ou inconscientemente, a sermos contaminados por "**tocarmos no cadáver da natureza carnal**", encontramos em Jesus Cristo a provisão da água purificadora e as cinzas do Seu corpo. Esta deve ser a nossa **FIRME CONFISSÃO DA ESPERANÇA**, conforme ensinamento de **Hebreus 10:19 a 23**, com base na obra redentora de Jesus Cristo.

No Antigo Testamento, os sacrifícios e rituais apontavam para a necessidade de purificação e reconciliação com Deus, mas eram temporários e dependiam de obras cerimoniais. Já na Nova Aliança da Graça, temos acesso ao "Santo dos Santos" pelo sangue de Jesus, o "*caminho novo e vivo*" de acesso ao Pai que Ele abriu. Isso significa que nossa justificação não vem por obras da Lei (por esforço ou merecimento), mas pela **fé expressa em nossa confissão** - um reconhecimento verbal e interior de que Cristo, como Sumo Sacerdote eterno, cumpriu todas as prefigurações (a serpente levantada, o sacerdócio da graça e a purificação da água viva) ao oferecer-Se como sacrifício perfeito. Assim, a "*firme confissão da esperança*" (**v. 23**) é nossa resposta de fé à obra consumada de Jesus, que nos purifica do pecado e da natureza carnal, nos justificando perante Deus, não pelo que fazemos, mas pelo que cremos e proclamamos com base em Sua redenção, assegurando-nos a vida eterna e a comunhão direta com o Pai.

Guarde isso em sua mente: todas as promessas que recebemos por herança em Cristo são apropriadas pela **firme confissão de fé e esperança**. A confissão de fé deve ser direcionada a Jesus Cristo que está assentado à direita do Pai.

A **confissão da nossa fé** está diretamente relacionada ao ensino de **Romanos 10:3-12**, que destaca como a justificação vem pela fé em Cristo, expressa tanto no coração quanto na confissão, e não por tentativa de estabelecer a justiça própria através da Lei. Em **Romanos 10:3, 4**, Paulo explica que aqueles que ignoram a justiça de Deus e procuram

justificarem-se por obras falham em reconhecer que *"Cristo é o fim da Lei para justiça de todo aquele que crê"*, conectando-se à Nova Aliança da Graça que discutimos.

Continuando, nos **versos 8-10**, Paulo enfatiza que a salvação é próxima: *"a palavra da fé" está "na tua boca e no teu coração"*, e *"se com a tua boca confessares ao Senhor Jesus, e em teu coração creres que Deus o ressuscitou dos mortos, seremos salvos"* - aqui, a confissão de fé é o ato de proclamar Jesus como Salvador e Senhor, relacionado com a crença interna, ecoando **Hebreus 10:23** sobre manter firme a confissão da esperança.

Todos estes entendimentos das tipologias do **bordão sacerdotal, da água e da cinza purificadora** expressam o coração misericordioso e gracioso do Senhor, pois aplacam a Sua ira santa e justa² contra a rebeldia, murmuração e pecados do Seu povo. Tendo estes ensinamentos em mente, agora poderemos compreender a narrativa que se segue em **Números 20** a respeito do grave erro de Moisés ao ferir a rocha com seu bordão em Maribá, ao invés de ter **falado à rocha** para que jorrasse água, segundo a orientação do Senhor.

O contraste entre a rocha em HOREBE e a rocha em MERIBÁ

Agora chegamos em **Números capítulo 20** que registra o incidente do grande erro de Moisés ao ferir a rocha duas vezes com o seu bordão. Estando o povo em Cades, região próxima a Canaã, ali morreu Miriã, irmã de Moisés e de Arão, o sacerdote. E, porque não havia água naquela região para o povo saciar a sua sede, aquela geração contendeu e murmurou mais uma vez contra Moisés e Arão.

Aqui temos uma nova geração que nascera no deserto. Seus pais e avós já haviam morrido. Os que não creram e murmuraram morreram e foram enterrados no deserto. Observamos que nada mudou nos corações e lábios daquela geração que não viveu a experiência da escravidão no Egito e a libertação.

Há 40 anos atrás houve um incidente parecido, quando a geração que saíra do Egito acampou no deserto de Sim, em Refidim, onde também não havia água para o povo beber. E o povo contendeu e murmurou contra Moisés. Os eventos de Moisés, ferindo a rocha em **Horebe (Êxodo 17:1-7)** e agora em Meribá (**Números 20:1-13**), apresentam paralelos significativos, mas também diferenças que enriquecem sua tipologia e ensinamentos para nós.

Em **Êxodo 17**, no início da jornada pelo deserto, os israelitas reclamaram da falta de água em Refidim, e Deus instruiu Moisés a ferir a rocha em Horebe **com o seu bordão** na presença de alguns anciãos, da qual saio água para saciar o povo. Esse acontecimento tipifica a provisão divina em meio à murmuração e prefigura **Cristo**, a **"rocha espiritual"** ferida para dar vida: *"Todos eles comeram de um só manjar espiritual e beberam da mesma*

² A ira de Deus, conforme apresentada na Bíblia, não é uma emoção descontrolada ou impulsiva, como a ira humana frequentemente é. Em vez disso, é uma resposta santa, justa e moral do caráter perfeito de Deus diante do pecado, da injustiça e da rebelião contra Sua vontade. É "santa" porque reflete a pureza e a santidade de Deus, que não tolera o mal. É "justa" porque está alinhada com Sua justiça perfeita, que julga imparcialmente e busca restaurar a ordem moral. **Romanos 1:18** diz: "Porque do céu se manifesta a ira de Deus sobre toda a impiedade e injustiça dos homens, que detêm a verdade em injustiça". Aqui, a ira de Deus é direcionada contra a impiedade (falta de reverência a Deus) e a injustiça (violação da ordem moral estabelecida por Ele).

fonte espiritual; porque bebiam de uma pedra espiritual que os seguia. E a pedra era Cristo" (1 Coríntios 10:3, 4).

Já em **Números 20**, quarenta anos depois, em Cades (**Meribá**), uma nova geração clama novamente por água, mas Deus ordena que Moisés **fale à rocha**. Em vez disso, Moisés a fere duas vezes **com o seu bastão**, desobedecendo e usurpando a glória divina ao dizer: *"porventura tiraremos água desta rocha?" (v. 10)*; o que resultou em sua proibição de não entrar em Canaã.

O paralelo destas duas ocorrências está na rocha como fonte de água (símbolo de vida, provisão e graça) e na murmuração do povo. Mas, a diferença crucial é a instrução divina e a resposta de Moisés: em Horebe, ferir a rocha era o que estava na mente de Deus, enquanto que, em Meribá, ferir a rocha foi desobediência, evidenciando que a rocha, já ferida uma vez (como Cristo crucificado uma vez por todos, **Hebreus 10:10**), agora só precisa ser invocado por fé e confissão. Assim, Êxodo 17 tipifica o sacrifício inicial de Cristo na cruz do calvário, e Números 20 aponta para a suficiência desse sacrifício, acessível pela proclamação da fé, não por repetidas obras.

Agora, em Números 20, um elemento novo e significativo é introduzido: **o bordão de Arão**, símbolo da misericórdia e graça de Deus, designado como sinal para o povo e emblema do sacerdócio escolhido por Ele. Conforme registrado em **Números 17:10**, o Senhor ordenou a Moisés: *"Torna a pôr o bordão de Arão perante o Testemunho, para que se guarde por sinal aos filhos rebeldes; assim farão cessar suas murmurações contra mim, para que não morram"*. Esse bordão, que milagrosamente floresceu para confirmar a eleição divina de Arão, representava a vontade de Deus em manifestar Sua misericórdia e graça, apaziguando a rebeldia do povo e protegendo-o da morte por meio da intercessão sacerdotal, revelando Seu desejo de ser glorificado como um Deus misericordioso e gracioso. Repito: **Deus queria ser reconhecido e glorificado como misericordioso e gracioso** (leia **Tiago 1:17** e **Lucas 18:19**).

Aquela era a geração do final da jornada pelo deserto e nós, hoje, somos a geração do final dos tempos. Estes fatos registrados em Números 20 nos ensinarão como avaliarmos nossos valores, a consciência que precisamos ter da obra redentora de Jesus Cristo, Seu ministério sacerdotal, o nosso acesso ao trono da Sua graça, como nos apropriarmos das promessas do Pai e como fazermos para as águas fluírem para saciar nossa sede. Você quer o suprimento divino para sua vida, para a sua família, quer saúde divina, quer bênçãos para seu trabalho e relacionamentos? Então é necessário fé para **falar à Rocha**.

No texto de **Números 20:8, 9** Deus disse a Moisés: *"TOMA O BORDÃO, ajunta o povo, tu e Arão, teu irmão, e FALAI À ROCHA diante dos seus olhos... Então Moisés tomou o bordão de diante do Senhor, como lhe tinha ordenado"*. Observe o detalhe: *"o bordão de diante do Senhor"* sugere que esse bordão estava no Tabernáculo (*"no Santuário"* conforme a versão NBV), diante da Arca da Aliança. Isso aponta para o **bordão de Arão**, que, segundo **Números 17:10**, foi colocado *"diante do Testemunho"* (a Arca) após florescer milagrosamente como sinal da escolha divina do sacerdócio levítico. Diferentemente do bordão de Moisés, usado em eventos como as **sentenças de julgamento** no Egito (**Êxodo 7:20**) e Horebe (**Êxodo 17:5-6**), o bordão de Arão tinha um caráter sacerdotal e simbólico, associado à autoridade de intercessão graciosa e à presença de Deus.

No contexto dos Números 20, a instrução divina era que Moisés falassem à rocha na presença de Arão e do povo, e o uso do bordão de Arão reforçaria o papel sacerdotal na mediação entre Deus e o povo, em vez de um ato de poder direto como em Horebe. Moisés, porém, feriu a rocha, desobedecendo à ordem de apenas falar, o que distorceu o ensinamento pretendido: a suficiência da palavra de Deus através do sacerdócio, tipificando Cristo, e o fato de que a Rocha já fora ferida uma vez (**1 Coríntios 10:4**).

Moisés desobedeceu a Deus? Sim! O Senhor ordenou que Moisés falasse à rocha, mas ele bateu duas vezes com o seu bordão (ou vara): *"Moisés levantou a mão e feriu a rocha duas vezes **com o seu bordão**, e saíram muitas águas; e bebeu a congregação e os seus animais" (v. 11)*. A despeito da desobediência de Moisés, o Senhor fez sair *"muitas águas"*. Existem ministérios que estão ministrando a Palavra e revelando o coração de Deus de forma equivocada. Estão pregando e ensinando um Deus irado. Mas, ainda assim, há bênção (água) de Deus vinda ao povo, porque o Senhor é gracioso e ama os Seus filhos. Se estes ministérios não honram a Deus e O santificam, Ele mesmo Se santificará diante dos fatos e também honrará a Sua graça perante o povo, as ovelhas ou pequeninos do Senhor: *"Mas o Senhor disse a Moisés e a Arão, 'Como vocês não creram em Mim e não Me santificaram diante do povo de Israel, vocês não vão levar os filhos de Israel até à terra que prometi'. O nome deste lugar se chamou Meribá, que significa 'Águas Rebeldes', porque o povo de Israel rebelou-se contra o Senhor, e o Senhor mostrou ao povo que Ele é Santo" (vss. 12 e 13)*.

O bordão de Moisés e o bordão de Arão

Quando o Senhor orientou Moisés a pegar *"o bordão"*, Ele Se referiu ao do sacerdote Arão. Já Moisés tinha a *"sua vara"* na mão desde aquele tempo da sarça ardente (**Êxodo 4:2**). O **BORDÃO (VARA) DE MOISÉS** foi transformada por Deus em serpente e tornou-se o instrumento pelo qual Ele executou a juízo sobre o Egito e seus deuses (**Êxodo 7:10-12; 9:23; 10:13 e 12:12**). Com ela, Moisés desencadeou as pragas - como transformar as águas em sangue, trazer gafanhotos e dividir o Mar Vermelho (**Êxodo 9:22, 23; 10:12, 13; 14:15, 16, 21**) -, atos que demonstraram o poder de Deus em instruções contra a rebelião e idolatria dos egípcios. Mesmo em Horebe (**Êxodo 17:5, 6**), ao ferir a rocha, a vara foi usada num contexto de resposta à murmuração do povo, que testava a Deus, carregando um tom de autoridade e correção. Assim, a vara de Moisés simboliza juízo porque está associada à manifestação do juízo divina contra o pecado, à rebelião, à quebra da resistência humana e à imposição da vontade soberana de Deus sobre as nações, deuses e indivíduos desobedientes.

Por outro lado, o **BORDÃO (VARA) DE ARÃO**, destacado em Números 17:8-10, é um símbolo de misericórdia e graça devido ao seu papel sacerdotal e ao milagre de florescimento. Quando os israelitas contestaram a liderança de Moisés e Arão após a rebelião de Coré, Deus fez o bordão de Arão brotar, florescer e dar amêndoas, confirmando sua escolha como sacerdote e silenciando a rebelião sem derramamento de sangue adicional - um ato de graça que reafirmou a mediação sacerdotal. Guardado diante da Arca (**Números 17:10**), o bordão representa a autoridade divina para interceder pelo povo e oferecer sacrifícios que aplacavam a ira de Deus (como em Números 16:46-48, quando Arão deteve a praga).

Em Meribá (Números 20:8), Deus instruiu Moisés a tomar o bordão de Arão, guardado no Tabernáculo, e não a vara que ele carregava consigo. A ordem de **falar à rocha** com o bordão de Arão sugere que o milagre deveria vir pela **INTERCESSÃO SACERDOTAL E PELA PALAVRA DE FÉ**, refletindo misericórdia e graça para suprir as necessidades do povo. Porém, Moisés, com sua própria vara de juízo na mão, acusou o povo de rebeldes e feriu a rocha duas vezes, um ato que evocou juízo em vez de graça, desonrando a Deus ao sugerir que o poder vinha dele e de Arão ("*tiraremos água?*", v. 10). Na tipologia, a Rocha é Cristo (**1 Coríntios 10:4**): ferida uma vez em Horebe (prefigurando a cruz), agora só preciso ser invocada por fé, não "ferida" novamente. A vara de Moisés, ligada ao juízo e à Lei, destoou do propósito de graça simbolizado pelo bordão de Arão, representando o sacerdócio da graça.

Forme em sua mente a cena de Moisés diante daquela rocha, tendo em uma das mãos a sua vara de juízo e na outra mão a vara sacerdotal da intercessão, misericórdia e graça. Na presença de Arão, Moisés reuniu o povo diante da rocha. E, cheio de ira no seu coração, impaciente por causa da murmuração do povo, grita: "*Ouvi, agora, rebeldes...*". Moisés chama o povo de rebeldes, com um espírito de acusação. Então, ao invés de "falar à rocha" a fere com a vara do juízo uma vez e mais uma vez.

Quantos ministros da Palavra e cristãos têm usado a vara do juízo e acusação, ao invés da vara da intercessão e graça? Pai, que este exemplo de Moisés venha a alinhar nossas motivações e palavras. Que palavras de graça e misericórdia brotem dos nossos lábios. E, se detectarmos impurezas ou pecados em nós ou no meio do Seu povo, que sejamos sacerdotes intercessores, cheios de misericórdia e graça: "*Todos falavam bem dele e eram admirados com as palavras de graça que saíram de sua boca...*" (**Lucas 4:22**).

Em **Atos 20:32**, Paulo, ao se despedir dos presbíteros da igreja em Éfeso, diz: "*E agora, irmãos, eu os encomendo a Deus e à palavra da sua graça, que tem poder para edificá-los e dar-lhes herança entre todos os que são santificados.*" (NVI). A "palavra da Sua graça" refere-se à mensagem do Evangelho da Graça. E Paulo explica os benefícios de ministrarmos a Palavra da Graça: "*Somente Ela tem o poder para EDIFICAR, e dar HERANÇA, entre todos os que são santificados*".

O bordão de Arão que brotou, inchou os gomos, produziu flores e deu amêndoas (**Números 17:8b**) foi guardado diante da presença do Senhor, no Santo dos Santos, para testemunho eterno. Todos presenciaram e viram daquele bordão de Arão, morto e sem vida, brotar flores lindas de primavera e amêndoas. Em Israel as **amêndoas** são os primeiros frutos que nascem depois do inverno; o que simboliza a flor e fruto da ressurreição de Jesus Cristo após a Páscoa. **Jesus ressurreto** é nosso **Sumo Sacerdote gracioso** que pode compadecer-Se de nossas necessidades. A vara de Arão que floresceu tipifica a "**vara da graça sacerdotal**". Quando você pensar em sacerdote, associe este ministério com a graça: "*Tendo, pois, a Jesus, o Filho de Deus, como grande sumo sacerdote que penetrou os céus, conservemos firmes a nossa confissão. Porque não temos sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas; antes, foi ele tentado em todas as coisas, à nossa semelhança, mas sem pecado. Acheguemo-nos, portanto, confiadamente, junto ao trono da graça, a fim de recebermos misericórdia e acharmos graça para socorro em ocasião oportuna*" (**Hebreus 4:14-16**).

Quando da rocha em Horebe, há 40 anos antes, não havia o ministério sacerdotal. Agora, à porta de Canaã, já havia sido estabelecido o sacerdócio gracioso. Então, agora o tratamento de Deus para com o Seu povo era diferente e a vara sacerdotal da graça era o testemunho vivo de que a ira de Deus foi aplacada. Mas, **Moisés ainda estava com a mentalidade antiga**. Se ele tivesse entendido e praticado o sacerdócio de intercessão, misericórdia e graça, ele e aquela geração entrariam JUNTOS na terra prometida.

A lição para nós é: será que vamos aprender rapidamente a andarmos neste ministério sacerdotal de todos os crentes?

O que estava na mente de Deus era que Moisés segurasse a vara sacerdotal e nem a usasse para "ferir a rocha", bastava apenas declarar com fé: "*brota água*". Se Moisés tivesse ferido a rocha com a vara sacerdotal as flores iriam cair. Ele deveria falar à rocha na autoridade sacerdotal e dela sairia água para saciar o povo e os animais.

Não fira a Rocha duas vezes

É preciso que entendamos que o Senhor Jesus Cristo, a Rocha Espiritual, foi acoitado uma única vez, como um único sacrifício e não se deve acoitá-Lo novamente. O livro aos Hebreus explica claramente este mistério da superioridade da Aliança da Graça que temos com o Pai, por meio de Jesus Cristo (leia **Hebreus 7:26-28; 9:11-14**). **Hebreus 9:23-28** afirma que Cristo fez um único e eterno sacrifício, uma vez por todas, e não é mais necessário sofrer muitas vezes. De acordo com a Bíblia, o sacrifício de Jesus Cristo na cruz foi suficiente e definitivo, não havendo mais necessidade de sacrifícios repetitivos (**Hebreus 6:4-6; 10:26-29**).

Hoje, na dispensação da Nova Aliança da Graça, precisamos apenas fazer a confissão da fé e falar à Rocha e, de Cristo, A Rocha, brotará toda a provisão que necessitamos "*a fim de recebermos misericórdia e acharmos graça para socorro em ocasião oportuna*". Falar à Rocha é o que Paulo explica em **Romanos 10:4-11**.

Hebreus 10:12 diz: "*Jesus, porém, tendo oferecido, para sempre, um único sacrifício pelos pecados, assentou-se à destra de Deus...*". Jesus, nosso Sumo Sacerdote, **assentado** à destra de Deus nos traz a imagem da obra consumada: **Teletestai**³! Ele não mais precisa Se levantar para oferecer sacrifícios pelos nossos pecado, à semelhança do sacerdócio levítico. Querer crucificar novamente a Cristo seria um ato de soberba, um pecado presunçoso ou voluntário. É ultrajar o **Espírito da Graça** e profanar o sangue da Nova Aliança: "*De quanto mais severo castigo julgais vós será considerado digno aquele que calcou aos pés o Filho de Deus, e profanou o sangue da aliança com o qual foi santificado, e ultrajou o Espírito da graça?*" (**Hebreus 10:29**). Quando voltamos às obras da lei para tentar nos santificar, estamos ultrajando o Espírito da Graça.

³ "**Tetelestai**" é uma palavra grega (τετέλεσται) que significa "está consumado" ou "está concluído" e aparece no Novo Testamento em João 19:30, quando Jesus, na cruz, proclama: "Está consumado!" antes de entregar Seu espírito. Derivada do verbo teleō ("completar", "cumprir" ou "concluir"), ela carrega um sentido profundo de que uma tarefa ou propósito foi cumprida.

E se pecarmos?

Mas, o que fazer se viermos a pecar? Se acheque confiadamente ao trono da graça, com confiança e intrepidez, e faça a "confissão da fé e esperança": **fale à Rocha** e seja limpo pela água e cinza aplicada pelo Sumo Sacerdote Jesus (**Hebreus 10:19-23**).

*"Filhinhos meus, estas coisas vos escrevo para que não pequeis. Se, todavia, alguém pecar, temos Advogado (**parakletos**) junto ao Pai, Jesus Cristo, o Justo; e ele é a propiciação pelos nossos pecados e não somente pelos nossos próprios, mas ainda pelos do mundo inteiro" (1 João 2:1, 2).* Note que, agora, você se apropria de um sacrifício e perdão **já consumado na Cruz**. Isso é o que devemos fazer quando temos uma necessidade na vida ou mesmo de uma libertação. Você vai diante da Rocha e FALA para Ela (ou Ele). Jesus Cristo é o Sumo Sacerdote da nossa confissão da esperança (**1 Pedro 1:3**). Somos santificados pela água e pelas cinzas do Cordeiro quando confessamos com fé a nossa necessidade perante a Rocha e, dEle, flui toda a provisão (**Hebreus 10:14-18**).

Hoje você tem um Sumo Sacerdote à direita do Pai

É fundamental que tenhamos este entendimento e prática. Precisamos manter firmes a nossa fé e confissão, sabendo que temos, agora, diante do Pai, um Sumo Sacerdote de uma nova, superior e eficaz Aliança. Diante desta revelação precisamos permanecer firmes nesta confissão de fé.

Um dos ensinamentos mais negligenciados na cristandade é o sacerdócio de Jesus Cristo, nosso íntimo Amigo. Hoje nós O temos como grande Sumo Sacerdote à direita do Pai. Ele tabernaculou entre nós por três anos e meio; morreu na cruz e foi acoitado em nosso lugar. Porém, tem sido Sacerdote por mais de dois mil anos. Por isso é que muitos têm dificuldade de compreender o Evangelho da abundante graça, da graça sobre graça.

E alguém pode estar pensando: Mas, Deus é Santo e pune o pecado! Sim, com certeza! Todos os nossos pecados já foram punidos em Cristo Jesus, na cruz. Toda a ira santa de Deus contra o pecado já foi extravasada na cruz. **Romanos 3:25, 26** diz: *"A quem Deus propôs, no seu sangue, como **propiciação**, mediante a fé... para demonstrar, no presente, a sua justiça, por ter ele, na sua tolerância, deixou impunes os pecados anteriormente cometidos."* A palavra "**propiciação**" (*hilastērion*, no grego) significa **apaziguar a ira divina**. Jesus, pelo Seu sangue derramado na Cruz, desviou a ira de Deus contra o pecado, satisfazendo Sua justiça e permitindo que Ele seja justo para com os que creem.

Jesus já foi ferido, oprimido e moído por Deus, conforme **Isaías 53**. E a consequência ou o resultado está registrado nos capítulos seguintes: **Isaías 54 e 55**. Lá está escrito que, agora, após a cruz, o Senhor jamais se irará contra nós (leia atentamente **Isaías 54:7-10**). E, ainda, fala da apropriação de uma vida de abundante graça para ir a Ele e comer, e beber gratuitamente da água: *"... sim, vinde e comprai, sem dinheiro e sem preço..." (Isaías 55:1-3).*

Qual bordão temos usado?

Voltemos à história registrada em Números. Precisamos compreender que a primeira coisa que estava na mente de Deus era (e é) a Sua Graça. Sim, o povo murmurou, reclamou, mas agora eles tinham um sacerdócio para interceder por ele. Deus estava lhe dando com o povo baseado neste sacerdócio, não no que saía do coração do povo: rebelião e carnalidade. Diante de Deus estava o sacerdócio da intercessão, misericórdia e graça, representado pela vara ressurreta diante dEle como testemunho eterno, fazendo-O lembrar de que não era mais necessário Se irar contra o povo por causa dos seus pecados.

Porém, Moisés, o líder do povo de Deus, ainda não tinha entendido esta nova realidade sacerdotal. Ele estava acostumado a usar a **sua vara** de julgamento, a vara da Lei. E isso o impediu de entrar no descanso de Deus.

Agora, a pergunta que fazemos, baseada neste exemplo (tipo) que nos foi registrado nas Escrituras, é: Qual bordão temos usado diante de nossas necessidade e das do Corpo de Cristo? Será que também nós temos ultrajado o Espírito da Graça, não mantendo firme a nossa confissão de fé e esperança, “*calçando aos pés o Filho de Deus*”? As pessoas pregam, ensinam e agem, hoje, como se não tivéssemos o Sumo Sacerdote da Graça.

O penhasco e a rocha

Quero chamar a sua atenção sobre a distinção de duas palavras em hebraico para “rocha”. Em **Êxodo 17:6** a palavra hebraica empregada para rocha é “**tsur**” (H6697 צור), que se refere a um “penhasco” ou “penha”, uma pedra com superfície plana. Mas, em **Números 20:8** e as demais palavras para rocha em hebraico é “**cela**” (H5553 סלע), que indica um “alto penhasco”, “formação rochosa elevada”, “rocha inacessível”, mais imponente do que “**tsur**”. Sendo assim, “**cela**” simboliza a rocha elevada e glorificada, uma formação mais imponente, vertical e proeminente, que pode ser vista de longe, refletindo a exaltação de Cristo após Sua obra redentora (Cristo exaltado) que já contém a promessa de vida e só precisa ser invocada. A altura do “**cela**” ecoa a suficiência e majestade do sacrifício único, acessível pela palavra de fé.

Preste atenção a este detalhe. Em **Êxodo 17:5** o texto é muito exato: “*Respondeu o Senhor a Moisés: Passa adiante do povo e toma contigo alguns dos anciãos de Israel, leva consigo em mão o **bordão** com que **feriste o rio** e vai*”. Deus quer que saibamos que aquela vara de Moisés foi a que liberou juízo e julgamento. Todos os nossos pecados já foram julgados por Deus, o Juiz, em Jesus Cristo na cruz, uma vez por todas. Moisés usou a vara da Lei e do julgamento para ferir o rio e transformou a água em sangue, resultando em morte para os egípcios. Em contrapartida, o primeiro sinal operado por Jesus, transformando água em vinho, que resultou em vida, salvação e alegria.

“*Porque a lei foi dada por intermédio de Moisés; a graça e a verdade vieram por meio de Jesus Cristo*” (**João 1:17**). Não estamos mais debaixo das ordenanças da Lei moisaica, mas da Nova Aliança da Graça. O servo não habita para sempre na casa do Pai, mas o Filho habita (**João 8:35**). Agora temos um Sumo Sacerdote de uma nova e superior Aliança (**Romanos 8:1-4**).

Quando o Senhor fala a Moisés que Ele “*estará diante de ti, sobre a rocha de Horebe*”, Ele estava dizendo: “**Bata em Mim com a vara do julgamento, que do Meu corpo sairá água**”. Isso mesmo, Jesus veio para ser sacrificado em nosso lugar.

E se Moisés tivesse obedecido a Deus?

Agora, imagina se Moisés tivesse seguido corretamente a orientação do Senhor conforme **Números 20:8**. Ele estava diante de um penhasco inacessível com a vara de Arão em uma de suas mãos e na outra a sua própria vara. Moisés olharia para o alto penhasco, com Arão ao seu lado e o povo todo olhando para ele, estenderia a vara sacerdotal de intercessão, misericórdia e graça, e falaria à rocha: “**Nos dê água!**” E muitas águas sairiam da rocha. Jesus disse em **João 4:10, 14** – “*Replicou-lhe Jesus: Se conheceras o dom de Deus e quem é o que te pede: dá-me de beber, tu lhe pedirias, e ele te daria água viva... aquele, porém, que beber da água que eu lhe der nunca mais terá sede; pelo contrário, a água que eu lhe der será nele uma fonte a jorrar para a vida eterna*”. Precisamos reconhecer a abundante graça de Deus que há em Cristo Jesus.

Se Moisés agisse corretamente como você acha que Deus seria visto pelo povo? A multidão poderia estar gritando: “Bata na rocha! Bata na rocha!”. Mas, tudo o que Moisés deveria falar à rocha era: “Senhor, precisamos da Tua água”. E água abundante sairia do rocha. Imagine a glória de Deus diante deste sinal!

Então o povo pensaria: “Estávamos reclamando e murmurando de Deus. Pedimos para morrer como aconteceu com nossos pais. E, apesar de toda reclamação, o Senhor nos deu água gratuitamente. É como se Ele não levasse em conta o nosso pecado”. Isso, sim, glorificaria ao Senhor e a manifestação da Sua graça faria o povo reconhecer os seus pecados e se arrependeriam. Note como a manifestação da graça produz o arrependimento verdadeiro e eficaz naqueles que são retos diante do Senhor?

Se Moisés tivesse obedecido à orientação do Senhor ele glorificaria a vara sacerdotal da graça. Isso porque Deus quer ser visto como gracioso e santificado como o Deus da graça.

Nesta ocasião a ira de Moisés não estava alinhada ao Espírito do Senhor. A mente de Deus estava voltada para o povo, não de acordo com o que eles eram, mas estava diante do Senhor e dos Seus olhos a beleza do sacerdócio e a vara que estava na Sua presença. Tudo isso tipificava a glória do nosso Sumo Sacerdote Cristo Jesus.

“E Moisés levantou a mão e feriu a rocha **duas vezes com a sua vara**” (**20:11**), para mostrar como se Jesus precisasse morrer de novo. Toda vez que você peca de novo, Jesus não precisa morrer novamente para perdoá-lo. Você só precisa falar com Ele: “Senhor, não precisa eu ter pecado, mas eu pequei e Lhe agradeço porque já proveu perdão para mim na cruz”. Isso é confissão de pecado. “Te agradeço, Jesus, por ter morrido por este pecado. Engrandeço o Seu sacerdócio, por ser compassivo comigo e me perdoado”.

Quando você toma esta atitude torna o pecado mais leve, mais brando ou sem importância? **De modo algum!** Isso torna a questão muito séria, porque Jesus foi moído e morreu para levar no Seu corpo os nossos pecados (**Isaías 53:10, 11**). Entretanto, devemos falar à Rocha sobre todas as nossas necessidades, confiando no sacerdócio gracioso de Jesus Cristo.

Moisés e Arão não santificaram o Senhor perante os filhos de Israel. Esta foi a causa deles, e daquele povo, não entrarem na terra prometida (**Números 20:12**). Mas, Deus se santificou a Si mesmo ao fazer sair muitas águas: "*Aonde abundou o pecado, superabundou a graça*" (**Romanos 5:20, 21**). Mesmo se nós não estivermos ensinando e revelando Deus como gracioso, Ele Se santificará como o Deus da graça.

Deus proibiu Moisés de entrar na terra. Porém, foi Ele justo com Moisés e fez a Sua graça prevalecer sobre a vida daquele líder. Em **Deuteronômio 3:25** diz que Moisés rogou ao Senhor para passar além do Jordão para ver "*a boa montanha e o Líbano*". Esta boa montanha é, na realidade, o Monte Hermon, o mesmo Monte no qual Jesus foi transfigurado e esteve com Moisés e Elias, juntamente com Pedro, Tiago e João. Ou seja, Moisés não entrou na terra, não viu o bom Monte e o Líbano naquela geração. Mas esteve no Monte da Transfiguração com Jesus Cristo. Deus continua fazendo Sua graça superabundar, independente de nossas falhas. Deus tinha algo melhor para Moisés.

Pai, quão insondáveis são os Teus pensamentos. Assim como distam os céus da terra, assim os Seus pensamentos são mais elevados que os nossos pensamentos. Que jamais venhamos a ultrajar o Seu Espírito da Graça, privando-nos da Sua água.

Pai Santo, que venhamos a honrar o Sacerdócio da Nova Aliança da Graça, para acharmos socorro nos momentos de necessidade. Que o Espírito da Graça esteja sobre nós também para que sejamos intercessores, misericordiosos e graciosos para com todas as pessoas.

Pai, que possamos te santificar diante das pessoas, apresentando-O como o Deus de misericórdia e graça, de quem flui toda boa dádiva, todo dom perfeito e a água viva. Amém!

Rai Barreto

www.RaiBarreto.com.br
contato@raibarreto.com.br